



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

1º Semestre 2022

Ciclo I – Gilvandro Benvindo Pereira de Carvalho

Ciclo II – Karen Danielle Magri Ferreira Razera

Ciclo III – Luciana Colnaghi

Ciclo IV – Ugo Osvaldo Frugoli

Ciclo V – Daniel Wilde de Mello

Ciclo VI – João Paulo Nascimento Janeiro

Índice

Ciclo I

Gilvandro Benvindo Pereira de Carvalho

AINDA SOMOS COMO NOSSOS PAIS?..... 03

Ciclo II

Karen Danielle Magri Ferreira Razera

NARCISISMO NA OBRA DE HENRY E JUNE DE ANAÏS NIN 09

Ciclo III

Luciana Colnaghi

O ÉDIPO E ADOLESCENTES INFRATORES..... 19

Ciclo IV

Ugo Osvaldo Frugoli

O ROMANCE FAMILIAR DOS IRMÃOS KARAMAZOV E A INFLUÊNCIA NA HERANÇA PSÍQUICA
FREUDIANA 24

Ciclo V

Daniel Wilde de Mello

DESEJO, ALIENAÇÃO E ADOECIMENTO 35

Ciclo VI

João Paulo Nascimento Janeiro

OS LOBOS DO HOMEM 38

1º Semestre 2022

Ciclo I

Aluno: Gilvandro Benvindo Pereira de Carvalho

Título: AINDA SOMOS COMO NOSSOS PAIS?

*Nós ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais
(Como Nossos Pais, Composição: Antônio Carlos Belchior).*

A música “Como Nossos Pais” é uma composição de Belchior, lançada no álbum *Alucinação*, de 1976, esses títulos certamente não são ao acaso. A canção fez sucesso na voz de Elis Regina, que a gravou no álbum *Falso Brilhante*, também de 1976.

Composta em meio à Ditadura militar no Brasil, o autor afirmava que tinha sim intenções de expressar a indignação política, além do conflito de gerações. A letra retrata a desilusão da juventude reprimida, mas também fala de esperança e luta por mudanças, segundo os admiradores da canção e os seus intérpretes. Considerada um dos maiores clássicos da música brasileira, ela aparece na posição 43ª entre as 100 maiores músicas brasileiras pela Rolling Stone Brasil.

As composições de Belchior são cheias de conteúdo pertinente a condição humana, ele desde cedo demonstrou apreso pela Arte e pela Filosofia trabalhou em sua obra com conteúdo relevante que nos permiti uma proximidade e identificação com os conceitos psicanalíticos.

A estrutura da música me chama atenção e implica à pensar na teoria freudiana, mais especificamente ao texto: *Recordar, Repetir e Elaborar (1914)*. A canção menciona a evolução simbólica de um sujeito que conta o que passou e o que lhe interessa, e diz o que repete angustiadamente, o texto freudiano é a narrativa das mudanças necessária na técnica psicanalítica.

O inventor da psicanálise preocupado como o desenvolvimento, faz pontuações importante e bem dirigidas a quem pratica, suas recomendações pericialmente a respeito do manejo da transferência assim como da resistência observada no analisando. Certamente era uma

preocupação de Freud a maneira como a psicanálise seria exercitada. Pensar na evolução da psicanálise a partir do que Freud disse na sua obra me traz questões, por exemplo a formação do psicanalista na atualidade, que merece sempre o exame constata para investir de maneira à livrar a Psicanálise das trincheiras do sucateamento teórico e prático.

Freud (1914), escrevendo para seu público ainda denominado “médicos”, relata o trabalho que se ocupariam a realizar os praticantes de sua teoria a partir das suas últimas descobertas, até aquele momento, sobre o inconsciente que estaria sobre o mecanismo de recordar, repetir e elaborar. Ele distingue a importância de desencobrir as resistências desconhecidas para o doente, através da interpretação; segundo Freud com frequência o paciente relata sem qualquer dificuldade as situações e os nexos esquecidos.

O objetivo dessas técnicas permaneceu inalterado, sem dúvida. Em termos descritivos: o preenchimento das lacunas da recordação; em termos dinâmicos: superação das resistências da repressão. Do desvelamento das resistências desconhecidas para o doente, a partir das interpretações;

Freud (1914) nos esclarece o quando é sensível creditar tanto à memória, mas aponta o desejo intenso de satisfação expresso nas falas dos pacientes que recorrem as lembranças, sobretudo quando há histerias de conversão. Ele diferencia a amnesia infantil as lembranças encobridoras, entendendo que cada uma tem sua função, no que diz respeito aos esquecimentos. Existe também conjunto de eventos psíquicos, acatado pelo autor, como comportamentos puramente internos, que pode ser contrastado com impressões e experiências, fantasia, referências, sentimentos e conexões, e deve ser considerado separadamente em sua relação com o esquecimento e a memória.

Na música interpretada por Elis Regina, conta uma história, e como toda história recorrem as possíveis lembranças de uma experiência vivenciada no mundo externo e interno que marcam simbolicamente o sujeito. A canção parece quase uma aplicação do texto de freudiano, para não fala que seria uma conclusão em análise, pois deixa explícito o desejo do que deseja falar a partir do que se recorda, e lhe implica:

*Não quero lhe falar, meu grande amor
De coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
[...]
Já faz tempo, eu vi você na rua
Cabelo ao vento, gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança é o quadro que dói mais [...]*

Durante toda a letra o eu lírico fala a experiência de recordar, repetir, repetir, repetir..., e concluir na última estrofe da música enfatizando a repetição e conflitos de gerações. O que parece denotar a própria relação com o passado, presente e um possível futuro. Empenhado em ser escutado fala, fala e fala baseando-se nas próprias recordações e desejos. Outra maneira possível de lembrar o que foi marcado, esquecido e reprimido, não recordar absolutamente, seria a passagem ao ato, atuar propriamente, reproduz como lembrança, naturalmente sem saber que o faz. Reeditando as lembranças em atos que não foram elaboradas nas mais variadas relações.

Aqui me dou o direito de repetir o que já foi dito, e recordar a consideração freudiana de que a superação das resistências da repressão resultaria em lembrar e repetir, ou seja quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (Freud, 1914). E é nessa repetição em ato que reside, também, a angústia do sujeito neurótico. Como diz na música:

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais.*

Nessa última estrofe citada, o eu lírico fala da sua dor que é se perceber como os pais na hora da passagem ao ato e viver. Parece que há flexibilidade na resistência para perceber a própria atuação repetitiva comparada a de seus pais. A música me desperta algumas questões referente a prática clínica: O que é repetido realmente? Por que e para que se repete? Como se repete? E o que seria essa constante repetição? O que gera essa repetição? Que imperativo é esse que não há escapatória?

Na prática clínica com base nos ensinamentos de Freud pode-se dizer que há duas condições importantes em análise que devem ser observadas: a transferência e a resistência. A repetição, acredito, que deve compor a tríade de: *Transferir, Repetir, Resistir*.

Aproximo a condição de repetir, da transferência e da resistência, principalmente pela importância que Freud deu a mecanismos ao longo de sua obra. No início de seus trabalhos concebia a repetição compulsiva do trauma como um efeito da fixação do sujeito em seu trauma. Em 1920 quando escreveu “Além do princípio do prazer” explicou que o fenômeno da compulsão de repetição como sendo a principal prioridade das pulsões. A grande descoberta de Freud na época foi constatar que o objeto primordial de uma pulsão não é tanto a procura por satisfazer-se,

obter o prazer, mas retornar a um estado antigo conturbado, traumático ou sadio, mas de intensa excitação, trazê-lo no presente e restaurá-lo (Nasio,2013).

O psicanalista e psiquiatra francês J.-D.Nasio escreve sobre a repetição em “*Por que repetimos os mesmo erros*” e apresenta o conceito de **princípio de repetir** afirmando que as pulsões são então estimuladas por ele, esse impulso superior. O autor, baseando-se em Freud, admiti que existe na vida psíquica uma força mais dominante do que nossa tendência a buscar o prazer e evitar o desprazer. Essa força seria a repetição a repetir.

Nasio (2013) defini o inconsciente como sendo uma força que nos impele a repetir serenamente os mesmo comportamentos bem sucedidos, o que significa uma repetição sadia, uma força de vida; ou o que nos impele a repetir compulsivamente os mesmo erros e os mesmos comportamentos de fracasso, então a repetição seria patológica, uma força de morte. Seja qual for a posição do inconsciente, de vida ou de morte, é ele que rege a incidência e a reincidência dos episódios felizes e infelizes que controlam a existência humana.

Como já disse, repito, o questionamento, o que é esse mecanismo denominado repetição que não há como fugir? Repetição designa um movimento universal, uma pulsão que rege a ordem biológica, psíquica, social e até mesmo cósmica. Nasio propõe a conceituação uma serie de pelo menos duas ocorrências em um objeto aparece- primeira ocorrência-, desaparece reaparecer- segunda ocorrência sempre ligeiramente diferente, embora todas as vezes reconhecível como sendo o mesmo objeto. A repetição sempre é repetição do mesmo, da mesma coisa que reaparece um pouco modificada. Nasio fala das leis que presidem todo o processo de repetitivo, vou aponta uma delas que seria a **lei do mesmo e do diferente**. O mesmo jamais se repetir identicamente a si mesmo; de certo será sempre reconhecível mas sobre aspectos distintos. A repetição aqui então é o trajeto de um objeto identificável por um observador que veria aparecer e desaparecer sempre um pouco diferente em tempos e contextos variareis. Talvez tenta sido isso que Belchior percebe quando escreveu e Elis quando interpreto no trecho:

*Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais
[...]
Você pode até dizer que eu tô por fora
Ou então que eu tô inventando
Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem*

Notar comportamentos repetitivos não acontece apenas no setting analítico, no cotidiano as pessoas costumam acusar seus comportamentos e suas reincidências e apontar dos outros a sua volta. E essas observações sobre essas repetições muitas vezes é o que leva o sujeito a procurar um analista. Frases do tipo “eu sempre faço isso, mas não sei por que”, “sempre a faço as mesmas escolhas, e não dar certo”, “tudo se repete” e até “essa repetição não tem/faz sentido”, são diversas as questões que o *princípio da repetição* implica o sujeito supor ou explicar cada uma não é a intenção desse trabalho. Mas fazer a diferença entre a sadia e seus benéficos assim como e a patologia nos ajuda a pensar em outras.

A autopreservação, o desenvolvimento pessoal e a consolidação de nossa personalidade são os efeitos benéficos assinalados por Nasio. Esse tripé de repetição necessária à vida exige do sujeito trabalho contínuo, feito repetidas vezes, dia após dia, resultando no aprimoramento daquilo que se dedica a fazer, essa repetição é a repetição pela vida, pelo trabalho da vida, por que a vida dar trabalho. Essa repetição sadia deve estar amparada pela finalidade de preservar nossa unidade de indivíduo, desenvolver ao máximo nossas potencialidades e consolidar o sentimento de que somos o mesmo ontem e hoje.

Podemos entender a repetição patológica, segundo Nasio, como uma série de pelo menos três ocorrências na qual uma emoção infantil, violenta, forcluída e recalcada aparece, desaparece, reaparece e reaparece novamente alguns anos mais tarde, na idade adulta, sob a forma de uma experiência perturbadora cujos os paradigmas são o sintoma e a passagem ao ato.

A repetição expressa na música nos versos “*Ainda somos os mesmos e vivemos / Como os nossos pais*” não é rara ser notada pelas pessoas. Falada de outras maneiras tais como “Ah eu puxei isso de meu pai ou da minha mãe”, em alguns momentos na fantasia do sujeito parece que a repetição obedece a ordem da herança genética, o que por vezes é um causador de angústia, pois, o sujeito assistindo as repetições acontecendo por tantas vezes na sua frente, pode supor que não a meios para ressignificar a repetição tão conhecida no seio da família. O automatismo de repetição determina não apenas a subjetividade de um sujeito, como também a intersubjetividade entre vários sujeitos, tal repetição é nomeada como *repetição transgeracional* (Nasio, 2013).

O tema da repetição é objeto de estudo de outros campos do conhecimento além da psicanálise, esgotá-lo seria uma tarefa impossível. São muitas as contribuições dos inventores da psicanálise e de seus seguidores sobre esta “força” que insiste em aparecer e operar se repetindo. Não é possível dizer se a repetição denunciada na música pelo eu lírico seria sadia ou patológica, mas sim é causadora de dor. Não é possível por não se saber ao exato de que pais e filhos se fala, particularmente, de quais recordação foram lembradas na passagem ao ato. De quais cenas

traumáticas sugiram as interpretações do sujeito. Os questionamentos sobre o assunto não cessaram, será que a repetição com toda complexidade pode ser entendida e indagada como a arte sendo polissêmica? Poderíamos dizer que o mais nos define é o trabalho de repetir, por tanto *sou aquilo que repito*?

Referências:

FREUD, Sigmund. Obras Completas (Cia. das Letras) - Vol. 10 (1911-1913). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914).

NASIO, J.D – Por que repetimos os mesmos erros. Editora ZAHAR – 2013.

Belchior. Antônio Carlos, **Como nossos pais**. Gravada, por Elis Regina, em 1976. Disponível em :(
https://www.youtube.com/watch?v=2qgN4cEpPCw&list=RD2qgN4cEpPCw&start_radio=1&rv=2qgN4cEpPCw&t=18 . Acesso em 04 de novembro de 2021.

1º Semestre 2022

Ciclo II

Aluno: Karen Danielle Magri Ferreira Razera

Título: NARCISISMO NA OBRA DE HENRY E JUNE DE ANAÏS NIN

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.
(FREUD, 1996, p. 92)

Narcisismo na obra Henry e June de Anaïs Nin

O livro Henry e June: diários não expurgados de Anaïs Nin (1931-1932) é uma obra publicada em 1980. Trata-se de um diário de Anaïs que ela decide não publicar enquanto o marido, Hugo, estivesse vivo. O livro-diário retrata um momento da vida de Anaïs em que está apaixonada por June, mas também por Henry, marido de June. Na obra ainda há a preocupação com seu próprio marido, o envolvimento com seu primo, Eduardo, e com seu analista na época, Allendy, enquanto Anaïs busca uma vida intensa. Segundo o prefácio do livro, Anaïs iniciou sua escrita com cartas a seu pai, que abandonara a família em 1914, quando ela tinha 11 anos. Depois, continuou a escrever diariamente em seus diários por toda a sua vida.

De início, destaca-se a confiança de Anaïs em sua fala, a maneira que descreve sua sexualidade, o adultério, a bissexualidade, de forma (supostamente) muito livre e adiante para a época em que vivia, mas a autora também evidencia muita insegurança, tristeza e sentimentos de abandono. O livro erótico apresenta momentos de angústia, felicidade, incertezas e seu processo de reflexão sobre o amor e seus opostos: ser amada; odiar; e a indiferença. Em determinado momento do livro, o primo de Anaïs indica um psicanalista para que ela conheça. Anaïs resiste por bastante tempo, tal como mencionado a seguir, mas depois aceita. As descobertas que ela é capaz em análise mudam o rumo da história.

Neste trabalho, foram retirados fragmentos pontuais do diário de Anaïs, especialmente seus diálogos com seu analista, Allendy, para relacionar com a teoria freudiana de narcisismo, entre

outros conceitos, sem a intenção de analisar a vida de Anaïs, mas o recorte que é apresentado em seu livro, de forma tão sincera e intensa.

A obra de Anaïs e a teoria Freudiana de narcisismo

O narcisismo, diferentemente do que é usualmente apresentado na sociedade, se refere ao investimento libidinal ao próprio eu, em contraponto ao investimento libidinal ao objeto. Segundo Freud (1996, p. 81), “o narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva”.

Na obra de Anaïs, anteriormente mencionada, há um conflito sobre quem amar, quais formas amar, aparecendo muitas pessoas em sua vida e um questionamento sobre a completude e a motivação em viver, que muitas vezes é apresentada com muita dor e sofrimento. Freud (1996, p. 83) ressalta uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal, de forma que quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. O exemplo usado por Freud é de uma pessoa apaixonada, a fase mais elevada de desenvolvimento da libido objetal, “quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal”. Anaïs, antes de dar início à análise, ataca diversas vezes a psicanálise, explicitando o quanto teria receio de depender do pensamento de outras pessoas, na “teoria morta” da psicanálise, receio de perder parte de sua personalidade que já estava perdida em meio ao caos amoroso que se encontrava. Em algumas conversas com seu primo, Eduardo, que fazia análise, teve alguns incentivos para iniciar sua própria análise:

Meu primo Eduardo veio a Louveciennes ontem. Conversamos durante seis horas. Ele chegou à mesma conclusão que eu: preciso de uma mente mais velha, de um pai, um homem mais forte do que eu, um amante que me conduza ao amor, porque tudo o mais é uma coisa autocriada. O ímpeto de crescer e viver intensamente é tão forte em mim que não consigo resistir a ele. Vou trabalhar, vou amar meu marido, mas vou me realizar (NIN, 2007).

Com a citação podemos observar o receio de Anaïs que contrapõe o trabalhar e amar o marido à realização: “vou trabalhar, vou amar meu marido, mas vou me realizar”. O “mas”, contrapondo seu verdadeiro pensamento, negando o desejo de ter um amante que conduza ao amor, mas que necessitaria ser mais velho. Anaïs inicia sua análise e, em sua primeira sessão com Allendy apresenta suas resistências e a verdadeira intenção para buscar a análise:

Então eu digo:

– Em vez de continuar com a comédia sexual, não seria melhor dizer a ele que eu sou doente, neurótica, que há algo errado comigo?

– E é claro que você talvez seja – diz Allendy. – Há algo estranho no modo como você divide seus amores. É como se lhe faltasse confiança.

Ele toca num ponto sensível agora. Há alguns minutos ele cometera um erro, quando falei sobre a separação entre amor carnal e amor ideal. Ele chegara à conclusão banal de que na idade da puberdade eu talvez tenha testemunhado algum aspecto brutal de amor e ficado repugnada e me voltado para o amor etéreo. Mas agora ele se aproxima de uma verdade: falta de confiança. Meu pai não queria uma filha. Ele disse que eu era feia. Quando eu escrevia ou desenhava alguma coisa, ele não acreditava que fosse meu trabalho. Nunca me lembro de uma carícia ou um cumprimento dele, exceto quando quase morri com nove anos. Havia sempre cenas, surras, seus frios olhos azuis sobre mim. Lembro-me do prazer anormal que senti quando papai me escreveu um bilhete aqui em Paris que começava assim: “Majolie”. Não recebi amor dele. Sofri como minha mãe. Lembro-me de nossa chegada a Arcachon, onde ele passava férias, depois de minha doença. O rosto dele demonstrou que ele não nos queria. O que ele sentia em relação à mamãe eu também tomava para mim. (NIN, 2007).

Ser “feia” é um aspecto que Anaïs apresentará como uma insegurança com todos os relacionamentos, especialmente no fato de ser muito magra e notar que homens preferem mulheres gordas. Além disso, o trecho acima evidencia a insegurança de Anaïs em não agradar seu pai, não receber carícias, exceto ao extremo, quando quase morreu, o que pode indicar uma lógica da necessidade de ser extrema na dor para ter amor e cuidado. Não recebeu amor de seu pai, levou surras, sofreu, se identificou com sua mãe, uma identificação narcísica. Há uma fixação narcísica quando há um sofrimento. Freud (1996) menciona a necessidade, para a formação do eu, de todo o amor narcísico que os pais depositam aos seus filhos como se esses fossem livres de imperfeições, o que nomina de “a Majestade o Bebê”. O bebê pode fantasiar sua autossuficiência, sua completude, que será posteriormente questionada quando notar que a mãe, ou seu representante, deseja outros objetos (o pai, por exemplo). Assim, o eu ideal (de completude, com investimentos libidinais de outros ao bebê), permite o desenvolvimento do ideal de eu, com parâmetros que foram internalizados de quem amamos.

O narcisismo primário das crianças por nós pressuposto e que forma um dos postulados de nossas teorias da libido é menos fácil de apreender pela observação direta do que de confirmar por alguma outra inferência. Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos

para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho - o que uma observação sóbria não permitiria - e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (Incidentalmente, a negação da sexualidade nas crianças está relacionada a isso.) Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - 'Sua Majestade o Bebê', como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram - o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (FREUD, 1996, P. 97).

Anaïs continuou buscando amores de pessoas que ela sentia que não poderia dominar, que poderiam ir embora. Essas pessoas, ao retribuírem seus afetos, serem humanizadas na perda da idealização de Anaïs, gerava um sentimento de estranheza em alguns trechos de suas anotações. Sendo o amor dos pais um amor narcísico necessário para formação do sujeito ainda bebê, o que ocorreria quando é internalizado o desprezo e frieza de um dos cuidadores, como no caso de Anaïs em relação ao seu pai no abandono dele?

No entanto senti uma tristeza histórica quando ele [pai de Anaïs] nos abandonou. E durante meus dias de escola em Nova York senti sua falta. Sempre tive medo de sua dureza e frieza. No entanto, eu o repudiei em Paris. Fui eu que fui severa e fria.

– E assim – disse Allendy – você se retirou para dentro de si mesma e se tornou independente. Em vez de se entregar confiantemente por completo a um amor, você procura muitos amores. Chega mesmo a procurar crueldade de homens mais velhos, como se não pudesse desfrutar do amor sem dor. E não está segura...

- Apenas do amor de meu marido.
- Mas você precisa de mais de um.
- Sempre o dele, e o de um homem mais velho.

Fiquei pasma de ver que a confiança de uma criança, uma vez abalada e destruída, tivesse repercussões numa vida inteira. O amor insuficiente de papai e o abandono permanecem indeléveis. Por que não foram apagados por todos os amores que inspirei desde então? (NIN, 2007).

Anaïs relata diversas vezes sua necessidade de poder amar plenamente e de forma destruidora, de si e do outro, indicando sua necessidade de reviver o abandono do pai e a tentativa de elaborar seus sentimentos, ainda que apenas repetindo a história. Ela observa que há uma relação com como desejou seu pai e, ainda assim, o atacou quando pode. O narcisismo de Anaïs se apresenta em um ideal de ego com mais poder, capaz de se proteger do desprezo de seu pai. Em sua fantasia, Anaïs retoma o narcisismo perdido de sua infância, quando ela era seu próprio ideal, ao se deparar com os conflitos do mundo externo.

As perguntas de Allendy estalam sobre mim:

- O que você sentiu a respeito de nossa primeira conversa?
- Senti que precisava de você, que não queria ficar sozinha para refletir sobre minha vida.
- Você amou seu pai com devoção, anormalmente, e odiou a razão sexual que o fez abandoná-la. Isso talvez tenha criado em você um certo sentimento obscuro contra o sexo. Esse sentimento se afirma em seu inconsciente naquela cena com John. Você o forçou a uma espécie de castração.
- Então por que fiquei tão infeliz, em tamanho desespero quando aconteceu, e por que eu o amei durante dois anos?
- Talvez você o tenha amado mais por causa do que aconteceu.
- Mas eu o desprezei desde então por sua falta de paixão impulsiva.
- A necessidade ambivalente de dominar o homem, de ser conquistada por ele e de ser superior a ele. Você o amou realmente porque ele não a dominou, porque você foi superior a ele em paixão.
- Não, porque agora que encontrei um homem que me dominou sou imensamente feliz.

Allendy faz perguntas sobre Henry. Até que percebe que eu o domino socialmente. Percebe também que escolhi colocar-me na situação de rival de uma mulher que eu sei que vencerá, consequentemente procurando dor para mim mesma. Que amei homens mais

fracos do que eu e que sofri com isso. Ao mesmo tempo, tenho um medo extremo de dor, e isso me faz dividir meus amores de forma que um serve de refúgio para o outro. Ambivalência. Eu quero amar um homem mais forte e não consigo fazê-lo.

Ele diz que eu tenho um senso de inferioridade que se deve à minha fragilidade física como criança. Eu tinha a impressão de que os homens só amavam mulheres saudáveis, gordas. Eduardo conversava comigo sobre garotas cubanas gordas. A primeira moça que atraiu Hugo foi uma gorda. Todos costumavam comentar sobre minha magreza, e minha mãe citava o provérbio espanhol: “Os ossos são para os cachorros”. Quando fui a Havana, duvidei de que fosse capaz de agradar porque era magra. Esse tema continua até o momento em que Henry me magoou com sua admiração pelo corpo de Natasha porque lhe pareceu corpulento.

Allendy:

– Você sabe que às vezes o senso de inferioridade sexual se deve a uma conscientização da própria frigidez?

É verdade que fui indiferente ao sexo até os dezoito ou dezenove anos, e mesmo então, tremendamente romântica, mas não despertada de fato para o sexo. Mas depois disso!

– E se eu fosse frígida, estaria tão preocupada com sexo?

Allendy:

– Mais do que qualquer um.

Silêncio. (NIN, 2007).

O diálogo acima apresenta a transferência que Anaïs estabelece com seu analista, de dependência, de não querer ficar sozinha. Allendy ressalta para Anaïs a relação de amor e ódio que ela estabelece com o pai dela e nos relacionamentos seguintes. Os conflitos entre ser ativa ou passiva, afeminada ou masculinizada, são constantes na obra da autora e parecem se relacionar com as ambivalências de querer se submeter e se vingar ao mesmo tempo. Ressalta-se também a necessidade da rivalização com uma mulher na relação com Henry, características que podem ser observadas em sua própria relação com a mãe e pai, na tentativa de dar uma nova solução, característica também da neurose histérica. Na citação se revela também a relação entre a necessidade de outro excesso, agora sexual, para compensar sua insegurança em sua aparência.

Freud (1996) relaciona autoestima ao narcisismo. A autoestima tem relação com o tamanho do ego e com todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência de sua experiência, que ajuda a aumentar a autoestima. A autoestima depende da libido narcísica: “nas relações amorosas,

o fato de não ser amado reduz os sentimentos de auto-estima, enquanto que o de ser amado os aumenta. Como já tivemos ocasião de assinalar, a finalidade e satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado” (FREUD, 1996, p. 104). Freud (1996) acrescenta que a pessoa que ama, priva-se de parte de seu narcisismo que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ela. A autoestima tem relação com o elemento narcisista do amor. Anaïs passa a buscar a referência de amor que lhe falta em outras figuras e que mantém, de certa forma, a lógica narcísica para tentar aumentar sua autoestima. Com relação ao sentimento de inferioridade, Freud (1996, p. 104) menciona:

Aqui, em minha opinião, devemos procurar uma das fontes dos sentimentos de inferioridade experimentados por pacientes que sofrem de neuroses de transferência, sentimentos que esses pacientes estão prontos a relatar. A principal fonte desses sentimentos é, contudo, o empobrecimento do ego, por causa das enormes catexias libidinais dele retiradas - por causa, vale dizer, do dano sofrido pelo ego em função de tendências sexuais que já não estão sujeitas a controle.

A falta de controle: desejada e temida por Anaïs, que parece se relacionar com toda a insegurança ocasionada pela perda do amor do pai, segundo a autora. Pai que se torna amado e odiado e a intensa ambivalência das suas relações (que a própria autora ressalta em suas reflexões) que Anaïs começa a entender e perceber suas funções. Esses sentimentos de amor e ódio também se revelam na transferência com Allendy em algumas passagens do livro, que ora é admirado por contribuir com as reflexões de Anaïs, ora é odiado pelo mesmo motivo. Freud (1996) afirma que o desenvolvimento do ego tem relação com o afastamento do narcisismo primário, composto por um ego ideal onipotente, e o sujeito passa a buscar uma recuperação desse estado, agora com um ideal do ego imposto de fora. O ego passa a investir em catexias objetais libidinais, se empobrecendo, assim, à medida que a libido do ego é investida em objetos, e se enriquecendo a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, para alcançar o ideal: “uma parte da auto-estima é primária - o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido-objetal” (FREUD, 1996, p. 106).

Allendy respondeu:

– Você ama Henry por excessiva gratidão, porque ele a fez mulher. Você é grata demais pelo amor que ele lhe dá. É seu dever.

Lembro-me das comunhões sacrílegas durante minha infância nas quais eu recebia meu pai em lugar de Deus, fechando os olhos e engolindo o pão branco com tremores bem-

aventurados, abraçando meu pai, comungando com ele, numa confusão de êxtase religioso e paixão incestuosa. Tudo era para ele. Tive vontade de lhe enviar meu diário. Mamãe dissuadiu-me, porque ele poderia se extraviar no caminho. Ah, a hipocrisia de meus olhos abaixados, os acessos de choro escondidos à noite e a voluptuosa obsessão secreta por ele. O que me lembro melhor dele neste momento não é proteção paternal nem ternura, mas uma expressão de intensidade, vigor animal, que reconheço em mim, uma afinidade de temperamento que reconheci com uma intuição inocente de criança. Uma ânsia vulcânica pela vida – é isso que lembro e de que ainda partilho, secretamente admirando uma potência sensual que automaticamente nega os valores de minha mãe.

Permaneci sendo a mulher que ama o incesto. Ainda pratico os crimes mais incestuosos com um fervor religioso sagrado. Sou a mais corruptora de todas as mulheres, pois busco um refinamento em meu incesto, o acompanhamento de belos cantos, música, de forma que todo mundo acredite em minha alma. Com um rosto de madona ainda engulo Deus e esperma, e meu orgasmo lembra um clímax místico. Os homens que eu amo, Hugo ama, e eu os deixo agir como irmãos. Eduardo confessa seu amor a Allendy. Allendy vai ser meu amante. Agora envio Hugo a Allendy de forma que Allendy o ensine, para sua felicidade, a ser menos dependente de mim.

Quando imolei minha infância à minha mãe, quando abro mão de tudo que possuo, quando ajudo, compreendo, sirvo, que crimes tremendos estou expiando – prazeres estranhos, insidiosos, como meu amor por Eduardo, meu próprio sangue; pelo pai espiritual de Hugo, John; por June, uma mulher; pelo marido de June; pelo pai espiritual de Eduardo, Allendy, que agora é guia de Hugo. Só me resta agora ir para o meu próprio pai e desfrutar por completo a experiência de nossa semelhança sensual, ouvir dos lábios dele as obscenidades, a linguagem brutal que nunca formulei, mas que amo em Henry.

Estarei hipnotizada, fascinada pelo mal porque não possuo nenhum em mim? Ou existe em mim o maior mal secreto?

Minha análise estava realmente terminada quando Allendy me beijou da última vez e senti o nascimento de um relacionamento pessoal. Senti um enorme prazer no beijo dele, e uma hora depois estava nos braços de Henry. Henry está dormindo agora em meu escritório, e eu estou sentada a alguns metros escrevendo sobre o beijo de Allendy. Adorei o tamanho grande de Allendy, sua boca e mão em minha garganta. Henry esperava por mim na estação depois disso. Sei que o amo e que com Allendy é coquetismo, um jogo agradável que estou aprendendo a jogar. (NIN, 2007).

Anaïs consegue ter *insights* sobre si, sobre toda a intensidade de suas relações e começa a retificar subjetivamente seu passado. Ela pode assumir desejos incestuosos; se comparar a sua mãe, à madona e ao Pai, Deus, o Outro representado e também ocupado por seu próprio pai que ela tanto deseja. É o pai que ela deseja e não terá. As outras pessoas passam a assumir papéis que lhe cabem, inclusive a própria Anaïs e sua relação consigo mesma, agora observando outra ambivalência sobre o bem e o mal interno e talvez perceba que não precisa ter um ideal de eu tão inalcançável. Allendy, no entanto, não se abstém e, em determinada sessão, beija Anaïs. É o fim da análise, pois Allendy, ao não seguir a regra da abstinência, alimentou o sintoma de Anaïs de conquistar para poder abandonar, tal como seu pai fez com ela em sua fantasia.

Freud (1996, p. 107) ressalta a relação auxiliar entre ideal sexual e ideal do ego, podendo haver uma satisfação substitutiva em que a satisfação narcisista encontra entraves: “nesse caso, uma pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve. A fórmula paralela à que se acaba de mencionar diz o seguinte: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado”. Pode-se refletir que Anaïs também amava narcisicamente os personagens de sua vida citados acima porque tinham qualidades que faltavam ao seu eu para se tornar ideal. Qualidades que ela buscava, rejeitava, amava, odiava, estranhava. Freud (1996) completa ainda que essas características são especialmente importantes ao neurótico, por suas excessivas catexias objetais, que causa empobrecimento em seu ego e torna o sujeito incapaz de realizar seu ideal do ego. O sujeito tenta então retornar os investimentos da libido em objetos ao narcisismo, escolhendo um ideal sexual segundo o tipo narcisista, ou seja, objetos que possuem características que o sujeito acredita que não pode ter: “Isso é a cura pelo amor, que ele geralmente prefere à cura pela análise. Na realidade, ele não pode crer em outro mecanismo de cura; em geral traz para o tratamento expectativas dessa espécie, dirigindo-as à pessoa do médico” (FREUD, 1996, p. 107). Anaïs busca muitos amores para se curar, encontra avanços na análise com Allendy, mas ele se torna mais uma cura pelo amor, que não o amor de transferência.

Ontem à noite eu chorei. Chorei porque o processo pelo qual me tornei mulher foi doloroso. Chorei porque não era mais uma criança com a fé cega de criança. Chorei porque meus olhos estavam abertos para a realidade – para o egoísmo de Henry, para o amor de June pelo poder, para minha criatividade insaciável que deve preocupar-se com outras e não consegue ser suficiente a si mesma. Chorei porque não podia mais acreditar, e adoro acreditar. Ainda consigo amar apaixonadamente sem acreditar. Isso significa que amo

humanamente. Chorei porque daqui por diante chorarei menos. Chorei porque perdi minha dor e ainda não estou acostumada à ausência dela.

Assim Henry virá esta tarde, e amanhã vou sair com June. (NIN, 2007).

No desfecho desta obra de Anaïs, ela apresenta reflexões sobre como é dolorida a ausência da dor. Os sentimentos estavam confusos com seu passado, sua insegurança fazia com que ela acreditasse que os outros estavam mais próximos do ideal de ego dela do que ela própria e ela precisava consumi-los para, talvez, incorporar as qualidades de seus objetos e poder se aproximar de si mesma, de seu ideal. Quem sabe, sendo mais próxima de seu ideal de ego, poderia ter seu pai novamente, ter outros a quem dominar e ser dominada? O “não acreditar” que Anaïs descreve, mas conservando a capacidade de amar sem acreditar, mostra que, ao entender que seu ideal de ego era rígido e altamente idealizado pelas perdas de sua vida que talvez ela atribuísse a ela própria, Anaïs pode também identificar que as qualidades que identificava em outros não eram a realidade desses sujeitos, mas sua realidade interna que os via dessa forma. Freud (1996, p. 101) afirma que “a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão”. E a sublimação de Anaïs se evidencia por sua própria obra.

Referências:

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Vol. XIV, p. 75-108. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

NIN, Anaïs. *Henry e June: diários não expurgados de Anaïs Nin 1931-1932*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

1º Semestre 2022

Ciclo III

Aluno: Luciana Colnaghi

Título: O ÉDIPO E ADOLESCENTES INFRATORES

“Que é a psicanálise senão uma prática sustentada por uma teoria que concebe o homem de hoje a partir da experiência edipiana vivida por todas as crianças quando têm de aprender a refrear seu desejo e moderar seu prazer?” (Násio, 2005).

Todo semestre tenho certa dificuldade para escolher o tema do trabalho. Nesse foi um pouco mais fácil, pois achei logo de cara que deveria escrever algo sobre o Complexo de Édipo já que esse é um conceito tão central na psicanálise e com certeza um dos pontos mais importantes estudados no ciclo III.

Mas o que falar? Uma ideia surgiu em uma conversa com um amigo, decidi seguir em cima dela, mas tenho algumas preocupações com o tema, vou explicar o porquê. Esse amigo que é Juiz um dia desses me disse “Poxa, hoje foi um dia muito pesado para mim, tive que internar três adolescentes que já são reincidentes em atos infracionais. A maioria deles já vem de famílias desestruturadas e acaba reincidindo. Muito triste”.

Ao ouvir isso comecei a pensar sobre a possível relação entre dinâmica familiar, adolescentes infratores e a famosa frase de Freud “o superego é o herdeiro do Complexo de Édipo” (1924). Se sabemos que o superego é resultado do processo identificatório com a lei, da qual o pai é o representante, podemos pensar como se daria essa figura paterna para adolescentes infratores?

Colocada a questão que me passou pela cabeça, vou explicar as preocupações a respeito dela. Escolhendo esse tema e escrevendo sobre ele, tenho certo receio de estereotipar ou escrever de forma estigmatizada sobre famílias monoparentais ou com diferentes configurações.

Sabemos que não dá para falar em famílias brasileiras sem usar o plural, e as últimas estatísticas do Censo comprovam que as estruturas familiares estão cada vez mais diversas. A

tradicional família brasileira já não é a mesma e deixou de ser a maioria. Em 10 anos, a configuração homem, mulher e criança passou de 58% para 43% do total de famílias. Mudaram, também, as relações e os papéis de cada um. Hoje, as mulheres são as principais fontes de renda de 45% dos lares brasileiros, fazendo com que o homem se torne mais atuante na educação e no cuidado dos filhos. As relações de poder entre pais e filhos também mudam com o entendimento mais rápido dos jovens sobre as novas tecnologias, que faz com que a troca entre as gerações seja uma via de mão dupla.

A ideia de ‘família tradicional’ é uma construção que por muito tempo foi tida como a regra, mas na intimidade dos lares já existia uma multiplicidade de formatos. Então desde agora acho importante ressaltar que não quero desenhar cenários de causa e efeito pois sabemos que a função paterna pode ser exercida por diferentes figuras, não necessariamente o pai biológico. Por isso aqui vou buscar articular algo da teoria freudiana com a colocação do meu amigo que foi como uma provocação para mim, mas não tenho a pretensão de fechar qualquer pensamento ou raciocínio sobre o tema, acho que vou acabar abrindo mais a discussão do que apresentando uma ideia conclusiva.

Tendo explicado o tema e minhas preocupações, vamos ao que podemos pensar sobre adolescentes infratores e a passagem pelo Édipo.

Primeiramente, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o adolescente é aquela pessoa que tem entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos de idade. No entanto, hoje os limites da adolescência nem sempre podem ser definidos exclusivamente em termos da idade cronológica.

Atualmente, fala-se muito em um prolongamento do período da adolescência que muitas vezes pode ir até a idade adulta. Por isso podemos considerar a adolescência um período longo, além de turbulento e estressante devido as transformações físicas e seus efeitos psicológicos, portanto suscetível ao surgimento de problemas de comportamento.

Conforme o ECA (artigo 103º), o ato infracional é a conduta descrita como crime ou contravenção penal. Quando um adolescente comete um ato infracional ele está sujeito às medidas protetivas e socioeducativas contidas no referido estatuto.

Segundo Conger (apud Predebon e Giongo) “Quanto aos fatores de risco para o desenvolvimento do adolescente, muitos aspectos têm sido descritos pela literatura entre eles: (a) baixo nível socioeconômico, (b) famílias numerosas vivendo na pobreza, (c) negligência parental, (d) distanciamento entre pais e filhos, (e) pouca coesão familiar, (f) relações hierárquicas disfuncionais, (g) violência familiar, (h) práticas coercitivas e aversivas, (i) comportamentos antissociais na infância, (j) agressividade na escola e em casa, (k) impulsividade, (l) evasão escolar” (Conger et al., 1992;

DuBois, Felner, Brand, Adan & Evans, 1992; Farrel, Barnes & Banerjee, 1995; Hutz, Koller & Bandeira, 1996; Lempers, Lempers & Simons, 1989; Nardi, 2010).

Frente a isso, pesquisas têm mostrado que as práticas coercitivas e a baixa exigência e responsividade parental contribuem diretamente para os comportamentos que contrariam as regras sociais entre os jovens e também contribuem indiretamente para a associação dos mesmos com grupos antissociais, aspecto este que é preditivo do comportamento delinquente na adolescência (Predebon e Giongo 2015).

Estudos apontam que adolescentes infratores apresentam um forte vínculo com a mãe valorizando o papel protetivo e acolhedor da figura materna. As mães são consideradas como permissivas ao comportamento transgressor dos filhos, perdendo sua autoridade diante deles (Predebon e Giongo 2015).

Já em relação ao pai, o estudo das mesmas autoras evidencia uma ausência desse papel afetivo, protetivo e de autoridade. “A função paterna fica comprometida fazendo com que o jovem permaneça no vazio e procure fora a autoridade que não encontra dentro da família (Pereira & Sudbrack, 2008 apud Predebon e Giongo 2015).

A partir dessa constatação dos papéis materno e paterno na vida desses adolescentes podemos começar a pensar o Complexo de Édipo. Segundo Násio (2005), o Édipo é a experiência vivida por uma criança que está a aprender os limites de seu impulso e ajustá-lo aos limites do corpo, da consciência, do medo e da lei. E é no Édipo que falamos pela primeira vez ao nosso desejo “aprenda a viver em sociedade”. Marcando a passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado. Ainda segundo o mesmo autor, o Édipo é o conjunto de sentimentos que a criança experimenta que ajudam a pensar o adulto que nos tornamos.

Com isso não podemos esquecer que o pai é o primeiro e fundamental representante da lei da cultura junto à criança. E, segundo Pellegrino, o menino internaliza a proibição do incesto e se identifica com os valores paternos, tornando-se “sócio da sociedade humana”, esse também representa o salto da natureza para a cultura. Assim, o Édipo é a Lei do desejo e o pai é o representante da sociedade junto à criança.

Aqui começo a pensar sobre a possibilidade de que uma criança que cresceu em uma família com a ausência do papel afetivo do pai pode levar à uma má integração da lei da cultura e que isso tem efeitos no adolescente.

Sabe-se que na adolescência são trazido à tona conteúdos antigos e reprimidos de natureza inconsciente oriundos de fantasias infantis, levando á revivescência do Édipo (Biazin & Mandelli, 2018).

Para Freud, a puberdade carrega consigo as fantasias que inicialmente tem como cenário a própria família, os pais, mas, à medida que desenrola esse cenário familiar, abre espaço a outras relações do sujeito com o mundo, ou seja, saídas identificatórias e escolhas sexuais para além do espaço familiar. Além disso, há agora a possibilidade de que essas escolhas sejam feitas em nome próprio.

Entendemos então a intrínseca relação do Édipo com a forma que o sujeito vai atuar na sociedade como um todo, o que obviamente não exclui a lei.

Sendo a adolescência esse momento de revisão do Édipo, penso que no caso de adolescentes infratores pode representar um momento de contorno de questões que ficaram em abertas e levaram ao comportamento antissocial. Nesse sentido existem diversos projetos voltados à adolescentes infratores que incluem esporte e cultura.

Isso me faz refletir se o esporte pode representar um recorte da sociedade que funciona e tem sua lógica pautada em regras, ajudando o adolescente, nesse momento do desenvolvimento, a absorver a ideia de lei.

O que podemos concluir:

É importante pensar em como são exercidas as funções materna e paterna em crianças e como isso pode estar relacionado à comportamentos de adolescentes em conflito com a lei. Também é importante lembrar que na adolescência há uma atualização do complexo de Édipo, podendo representar assim uma segunda chance para a internalização da lei, por isso atividades como esporte e, em casos de adolescentes infratores, a aplicação de medidas protetivas e sócio-educativas. Penso até que o papel do juiz pode, de certa forma, exercer uma segunda chance de “função paterna” no quesito introdução da lei social.

Referências:

- Freud, S. (1969). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, O ego o Id e outros trabalhos (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud, Vol. 19; pp. 191-199). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)
- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)
- Giongo, C & Predebon, J (2015). A família com filhos adolescentes em conflito com a lei: contribuições de pesquisas brasileiras. Porto Alegre, RS. Pensando fam. vol.19 no.1
- Násio, J.D. (2005) Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de janeiro: Zahar, 2007.
- PELEGRINO, H. - “Pacto Edípico e Pacto Social” - (Artigo Folha de São Paulo)
- Biazin, R.R. & Mandelli,J.P. Adolescência e o despertar do complexo de Édipo. Ver Terra e cultura: v.34, 2018

1º Semestre 2022

Ciclo IV

Aluno: Ugo Osvaldo Frugoli

Título: O ROMANCE FAMILIAR DOS IRMÃOS KARAMAZOV E A INFLUÊNCIA NA HERANÇA PSÍQUICA FREUDIANA

O romance familiar dos Irmãos Karamazov e a influência na herança psíquica freudiana

Esta vertente que relaciona a Psicanálise e a Literatura apresenta um horizonte muito extenso, difícil se apresentar apenas em um recorte para analisá-lo. Riqueza de dados e complexidade são dois pontos que cercam este tema. Para se ter uma abordagem reservada, selecionei o romance familiar “Os Irmãos Karamazov”, de Fiódor Dostoiévski, intencionando demonstrar neste trabalho que Freud foi influenciado por obras literárias e estas foram pontos de partidas, gerando importantes reflexões psicanalíticas.

Segundo vários professores de Língua Portuguesa, como já ensinava Lacan em sua primeira fase, o inconsciente se estrutura na linguagem, havendo uma forte ligação entre Literatura e Psicanálise. As palavras constituem um bordado gerando um revelar de inconsciente e consciente do autor tendo como substrato pulsões e desejos não necessariamente realizados que, durante seu desenlace, buscam um objeto.

Necessário se faz nesta estruturação da linguagem literária refletir sobre o diálogo com os textos de Freud e por sua significativa contribuição na sistematização do conceito de transmissão psíquica, transmissão esta entrelaçada nesta tríade: autor/personagem/criação da obra.

Me apegue nesta reflexão à palavra e seus escoamentos da comunicação, essa palavra que é criada nos mais diferentes sentidos, que se localiza na fala do sujeito, que tenta explicar descrevendo os sonhos, seus atos falhos, seus lapsos de linguagem e pela caneta de um autor literário. Essa palavra irá arbitrar tanto na clínica como na arte literária, surgindo do inconsciente, libertando-se das amarras da significação e da regulação do aparelho psíquico, criando uma dinâmica de revelar ou ocultar as mais diversas faces do desejo na tentativa de se transformar em algo poético.

Tenho a impressão que o horizonte desta reflexão é o mesmo quando considero Literatura e Psicanálise, apesar destes dois temas serem campos diferentes, exibindo perfis diferentes. Em sua história e maneira de ser, a literatura sempre forneceu metáforas, imagens, descrições, conceitos ao conhecimento da Psicanálise. Tornou-se célebre a pergunta quando perguntaram a Freud quais seriam seus mestres: o fundador da Psicanálise teria respondido com um gesto apontando para as prateleiras de sua biblioteca. Seus escritos foram reconhecidos como literários em 1930, ao renderem-lhe o prêmio Goethe, sua única premiação. Sua fala ao receber a homenagem foi bastante explicativa: “Desde a minha infância, o meu herói secreto é Goethe (...) Fui capaz de vencer o meu destino de um modo indireto e realizar o meu sonho: permanecer um homem de letras sob a aparência de um médico”.

As manifestações artísticas literárias e a Psicanálise entrelaçam-se em determinadas obras, formando áreas interdisciplinares do saber. O autor na obra literária expõe seu inconsciente individual que acaba revelando o próprio inconsciente coletivo como revelado na sincronicidade proposta por Carl Gustav Jung. No olhar de um autor, a sua arte pode revelar algo secreto do inconsciente que constrói sua psique. Assim, a palavra utilizada em determinado texto literário, novamente, pode formar um tripé – verdade, desejo e angústia – bastante importante para a Psicanálise.

A linguagem nas obras literárias comparativamente passa a ser quase o papel revelador da fotografia, pois, por meio dela o autor revela emoções, portanto o seu eu, quase como uma matemática, somando-se visão do mundo mais o subjetivo do autor mais as palavras, igualando à realidade sentida e vista por cada escritor literário e, por que não estender incluindo a pintura e a escultura, onde a imagem também assume um conteúdo simbólico do inconsciente.

Acredito que Freud com a literatura buscava ter uma aliada, um novo território de busca para alcançar seu objetivo. Na medicina, com a psiquiatria clássica, o foco eram as doenças, não havendo a preocupação com o todo do indivíduo e nem uma preocupação com seus atos. Freud queria escutar o inconsciente. Assim, a literatura lhe ofereceu uma hermenêutica com um saber interpretativo – as palavras.

Freud, segundo autores, sempre apresentou interesse sobre obras literárias em sua mais completa diversificação, romances, mitologia, ficção, novela, sempre focando não no conteúdo, mas na dinâmica da obra através de suas expressões nascidas de um inconsciente originado e organizado pela cultura. Literatos com formação em Psicanálise dizem que a obra literária é o inconsciente da Psicanálise carregando três características: caráter dinâmico, espontâneo e expressivo, emergindo destas características temas do inconsciente obscurecidos para quem os cria. Por isso mesmo, a

obra literária é necessária, já que evoca elaborações ainda não elucidadas. Então, como diz Foucault, “a ausência de obra é a própria loucura, (...) porque corresponderia à eterna repressão das pulsões”. Ocupando o lugar entre a História e a Psicanálise, cito Michel de Certeau, historiador e intelectual jesuíta que dedicou-se em seu estudo nas diversas áreas: Psicanálise, Filosofia, Ciências Sociais, Teologia e Teoria da História. Em seu texto “Psicanálise e História”, Certeau em seu dizeres, argumenta que a Psicanálise se articularia a partir de um processo que seria o núcleo da descoberta freudiana: o retorno do recaiado. Este retorno mobiliza uma concepção de tempo e memória que concebe a consciência como tanto uma máscara ilusória, como o vestígio de acontecimentos que organizam o presente. Se o passado é recaiado, ele retorna, sub-repticiamente, ao presente do qual havia sido excluído. [...] Dessa forma, haveria uma “inquietante familiaridade” desse passado que um ocupante atual recaiou (ou acreditou ter recaiado) para poder apropriar-se de seu lugar. “O morto assombra o vivo, ele ‘re-morde’ (mordida secreta e repetida).” (CERTEAU, 2012, p. 71 apud MIRANDA JUNIOR, 2017, p. 94).

Nesta análise é necessário destacar outros três grandes raciocínios. O primeiro vem de William James, o grande admirador da obra de Freud que neste contexto comenta sobre o quanto há de atualidade em uma peça escrita 120 anos atrás.

O segundo raciocínio é de Charles S. Peirce. Em seu texto, ele analisa que o acesso por afinidade das ideias faz-se por uma dinâmica que em muito se assemelha àquela que configura a psique em seus aspectos consciente/inconsciente em Freud, comparando as relações mentais a um profundo lago. O texto dele considera que a consciência se assemelha a um lago sem fundo no qual se encontram suspensas as ideias, em diferentes níveis. Somente os perceptos são descobertos pelo meio. O significado desta metáfora é que aquelas ideias que estão em maior profundidade são discerníveis somente por um maior esforço, e controladas somente por um esforço ainda maior. Estas ideias suspensas no meio da consciência, elas mesmas sendo partes do fluxo, são atraídas umas às outras por hábitos e disposições associativos – os hábitos por associação de contiguidade, as disposições por associação de semelhança. Uma ideia próxima da superfície atrairá uma ideia que está muito profunda, de modo tão tênue que a ação deve continuar por algum tempo antes que esta última ideia seja trazida a um nível de fácil discernimento. Enquanto isto, a primeira ideia está mergulhada numa consciência mais obscura.

O terceiro raciocínio trata-se do mito de Édipo, pertencendo à tradição, não havendo assim, nenhum autor específico. Este pode ser considerado um indício da forma que o pensamento adquiriu nos primórdios da civilização tal como a concebemos no Ocidente. Por sua vez, na cultura grega, Sófocles, em sua tragédia “Édipo Rei”, nos legou em forma de uma peça teatral esse mito,

representado por várias gerações, sempre atraindo grande número de espectadores, certamente pelas verdades intrínsecas que contém, como afirmava Freud.

É notório que certos autores tocavam a mente de Freud no sentido de fazê-lo pensar que estes escritores tinham condições de penetrar em seus inconscientes e poeticamente gerar aberturas verdadeiras do inconsciente através de suas palavras. Classificando-as como “três obras-primas da literatura de todos os tempos”, em suas palavras (1928 [1927]), Freud destacava estas obras literárias: “Édipo Rei”, de Sófocles; “Hamlet”, de Shakespeare; e “Os Irmãos Karamazov”, de Dostoiévski.

Um dos pontos de destaque na construção desta reflexão surge em 1913, quando em Totem e Tabu Freud lança um marco da cultura para o ser humano, o parricídio. Este texto propõe, com uma possível influencia de Dostoiévski em 1928. Como inspiração há uma reafirmação do parricídio como principal fonte do sentimento de culpa. Para tanto levo em consideração o relato freudiano. “[...] três obras-primas da literatura de todos os tempos” (1928 [1927]) desta forma podemos deduzir que a arte conversou com Freud.

Interessante notar no romance familiar “Os Irmãos Karamazov” uma peculiar característica em todo seu desenvolvimento: o lugar materno não se apresenta. Ressalto aqui a importância deste tema não focando apenas em Freud. Destaco aqui tanto Freud como Lacan que descrevem o ser humano como uma construção gradual. Nesse processo, importante se faz a linguagem por estar presente na história e no desejo de seus pais. Os dois autores enfatizam a dependência do ser humano em relação ao outro. Pela linguagem são transmitidos os significantes familiares e a instalação das histórias familiares que irão fundar o sujeito. A mãe, em seu lugar, transmite o desejo de existência ao bebê; o sentimento transmitido pela mãe o insere na história da família. Todas as atitudes maternas, como olhar, ouvir, falar, cantar, amamentar, estar atenta aos sinais emocionais e orgânicos irão desenvolver na criança o desejo e o afeto, tornando-o um ser único para ela. Ressalto aqui os lugares materno e paterno como constituintes desta evolução.

Outros autores convergem na importância da função materna na construção individual: para Klein (1982) esta função é construída gradualmente é com a presença física da mãe, quando a criança de poucos meses se integra ao seio bom e mau. Para Bion (1993) a função materna está associada à função do pensar. A origem e o desenvolvimento do pensar dependem, entre outros fatores, dos primeiros cuidados do bebê.

Na teoria freudiana há uma relevância da figura paterna, o pai da tribo errante, o pai da fantasia infantil, sempre inserido nas questões do complexo de Édipo, mergulhado no psiquismo da ameaça de castração e proibição do incesto. Se faz notório em “Totem e Tabu” (1913) a situação edipiana

analisada por Freud como ponto fundamental, os desejos da infância e o núcleo das neuroses como berço nos humanos da tribo errante tendo a figura central o assassinato do pai que instala a proibição ao incesto. Neste tema torna-se impossível não se considerar as marcas do parricídio. Examinando aqui a importância da história edípica como geradora da história das instituições sociais e culturais que virão. O mito em toda sua totalidade instala a interdição do incesto e ao mesmo tempo reforça a sua proibição.

Caminho nesta reflexão, buscando as palavras de Dostoiévski, em 1880, para enfatizar uma das maneiras que sua obra tocou o pensamento freudiano. Cito Dostoiévski:

“Sabem que não há nada mais nobre, mais forte, mais sã e mais útil na vida que uma boa recordação, sobretudo provinda da juventude da casa paterna. (...) uma recordação santa, conservada desde a infância, talvez seja a melhor educação. Se fizermos provisão de tais recordações para a vida, salvamo-nos definitivamente. (...) talvez precisamente esta recordação o [nos] impeça de agir mal.” (Dostoiévski, 1880).

Voltando à obra russa o destaque é o parricídio construindo dois aspectos: sujeito e cultura. As mães neste romance são descritas como prostitutas, loucas, débeis, com morte precoce e, nestas condições, seus filhos são deixados ao abandono. O lugar de mãe não é ocupado nesta trama, a falta de um pai também ocorre. A ligação mãe/bebê é ausente no romance. São bem lembradas duas questões nesta reflexão. A primeira, as palavras de Freud: “a mãe que alimenta e o pai que protege”. A segunda faz parte da cultura judaica: “A mãe é uma certeza, o pai é uma hipótese”. É muito marcante neste enredo um duplo abandono destes filhos, assim as marcas dos traumas surgem como a ponta de um *iceberg*, sabe-se onde ele está, mas não se sabe seu tamanho e profundidade. Um outro aspecto, focado no autor deste romance familiar, assinalo que, em sua reflexão, Freud analisa a personalidade de Dostoiévski em quatro aspectos: o neurótico, o criador, o moralista e o pecador. Levando isso em consideração, construo o meu pensar neste texto sobre a obra “Os Irmãos Karamazov”. Apoio minha análise nos comentários de Ignácio A. Paim Filho acerca dos principais personagens da obra para depois tentar concluir.

Dimitri (Mítia /o neurótico), o primogênito, tem como mãe Adelaida, tendo seus pais tido um casamento marcado pela agressão mútua. Impulsivo, valente e impetuoso, Dimitri representaria o **Id**, responsável pelos instintos, impulsos orgânicos e os desejos inconscientes. O **Id** não tem contato com a realidade, satisfazendo-se na fantasia, não realizando ações concretas referente a desejos.

Ivan (o criador), o segundo filho, tem como mãe Sófia, uma mulher frágil e sensível, que casa aos 16 anos para fugir de uma “mãe adotiva” (benfeitora) tirana. Ivan, racional e analítico, representa o ego

considerado como aparelho psíquico com funções predominantemente conscientes visando adaptar-se com a realidade externa, memória, percepção, pensamento, atenção, juízo crítico, ação motora, entre outras.

Alieksiéi (Aliocha, o moralista), o terceiro filho, é eleito por Dostoiévski para ser o herói do seu romance. Parece-me que, diferentemente dos demais irmãos, nele o conflito não está aparente; acredito que Aliocha seja mesmo humano, um verdadeiro personagem angelical, espiritual, moral, contido, representando o superego. O superego é a última instância do aparelho psíquico a organizar-se e tem como função censurar os impulsos que vêm do id, através das atividades e pensamentos do ego. O superego é o herdeiro das barreiras e das proibições parentais.

Smerdiákov (o pecador), o filho mais novo, o bastardo, sofria do mal da epilepsia. Sua mãe, Lisaveta, era débil mental; vivia pelas ruas quando foi violentada por Fiódor Pávlovitch. Lisaveta morre no parto; seu filho vai ser criado pelo serviçal Grigóri e sua mulher. Mais que esquecido pelo pai, Smerdiákov, o fedorento, conforme a origem do seu nome, jamais foi reconhecido pelo pai; viveu até o ato parricida como criado do patriarca dos Karamazov. Como já sabemos, o filho bastardo foi o braço executor do parricídio coletivo, provavelmente a causa última do seu suicídio.

Finalmente, nesta análise, Fiódor, patriarca dos Karamazov, descrito como um esturpador e um libertino, representa o caos, o dionisíaco do espetáculo cênico, cabendo aqui o pensamento freudiano de que todo ser humano é um prisioneiro de seus desejos, parricida e incestuoso. Todos fomos Édipo, nas palavras de Freud:

“Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia; cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalcamiento que separa seu estado infantil do estado adulto”. (Freud, 1897)

Com estas palavras retomo o pensamento freudiano em seu último trabalho publicado em 1940 postumamente, quando ele diz: “Aventuro-me a dizer que, se a Psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito de ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade (Freud, 1940 [1938]). Arrisco dizer que talvez sejam estas palavras que me direcionaram na escolha da obra de Dostoiévski, “Os irmãos Karamazov” para elaborar este trabalho.

Segundo a biografia criada por Ignácio A. Paim Filho, podemos compreender o lago profundo deste grande escritor: Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasceu em 30 de outubro de 1821, em Moscou, filho de Maria e Mikhail Dostoiévski. Tinha um irmão mais velho, chamado Mikhail. Sua vida será marcada pelo trágico: a mãe morre de tuberculose, em 1837 (aos seus 16 anos) e seu pai é

assassinado pelos servos da sua propriedade rural em 1839 (aos seus 18 anos). Em 1847, então com 26 anos, envolve-se com um grupo socialista que culminará com sua condenação à morte pelo Czar Nicolau I. Cabe sublinhar que o perdão dado pelo Czar, que comutou sua pena para serviços forçados na Sibéria, de 1850 a 1854, e o exílio até 1860, só foi comunicado no exato momento da execução. Em 1857 (aos 36 anos), casa-se com a viúva e tuberculosa Maria Dmitrievna, que morre em 1864. Neste mesmo ano, morre-lhe o irmão.

Com esses dados da vida de Dostoiévski é possível criar algum tipo de relação entre o tema do parricídio com “Totem e Tabu” que configura o maior anseio que habita a alma humana. Freud considera “Totem e Tabu” o seu maior trabalho na Psicanálise e o modelo de inspiração deste romance russo Freud considera “como o mais grandioso jamais escrito”.

Não se pode apartar o homem de sua época, de sua historicidade e, assim, melhora-se a compreensão da vida de Freud, o que viveu e o que sentiu em seu tempo. Dostoiévski foi um dos primeiros autores a sofrer a influência do Niilismo, corrente filosófica, que florescia então, tendo suas consequências permeado os tempos freudianos. O Niilismo é alicerçado no Ceticismo, isento de regras e contra aos ideais das Escolas Positivista e Materialista. Refere-se ao pensamento de Friedrich Nietzsche, filósofo que postulava que o homem não tem como conhecer o mundo que o rodeia, não tem como conhecer a si próprio, portanto, mudando a forma do pensar, ou seja, o que passa a ser e o que se quer ser. Para ele, portanto, a liberdade absoluta é o fundamento essencial que permeia o homem. Esta corrente filosófica influenciou o século XX.

Não podemos deixar de considerar um aspecto importante, não muito compreendido, que existiu entre a relação de Freud e os artistas. Em um certo momento, Freud considera os escritores como visionários das descobertas do inconsciente, ao passo que, em outro momento, considera-os manipuladores, ilusionistas. No primeiro momento, temos como referência seu ensaio sobre a “Gradiva de Jensen”, em 1906, em seus dizeres:

“E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra, com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1976, p. 18 - ROSENBAUM, Yudith. Literatura e Psicanálise: reflexões)

De um outro lado, identifica-se crítica e desconfiança, como em trecho de “O mal estar na civilização”, de 1930:

“Não obstante a suave narcose a que a arte nos induz, não faz mais do que ocasionar um afastamento passageiro das pressões das necessidades vitais, não sendo suficientemente forte para nos levar a esquecer a aflição real”. (FREUD, 1976,p.100 - ROSENBAUM, Yudith. Literatura e Psicanálise: reflexões)

Outro dado histórico importante aponta para uma declaração de Freud sobre não gostar do escritor russo, embora o referencie como importante. O ponto que se destaca é ser o parricídio o crime fundador da humanidade, e amplia a sua compreensão do ataque histérico a partir do desejo parricida e da consequente identificação com o pai morto, geradores de uma dinâmica sadomasoquista entre o ego e o superego

Um momento histórico de relevância é o ponto comum entre Freud e Nietzsche: o inconsciente como determinante para as ações humanas, destituindo definitivamente a consciência como único domínio psíquico possível e relegando-a uma posição secundária. Insisto na importância de cultivarmos a ideia que a escrita de cada um encobre uma verdade que ultrapassa o consciente, que alcança o inconsciente envolvendo o universo do desejo

Segundo o determinismo psíquico, nosso presente estaria totalmente determinado por aquilo que aconteceu no passado, sendo o ser humano formado por duas esferas, uma física e outra psíquica, e apresentando um dinamismo estimulado por particularidades que se articulam na interioridade de cada um. Com esta reflexão trago que a Psicanálise em todo seu percurso histórico tem colocado em sua evolução a herança dos conteúdos do inconsciente.

Na questão da herança, Freud em “Totem e Tabu” (1913) fala sobre transmissões da vida psíquica, como por exemplo a transmissão do tabu e da culpa refletindo a imagem autoritária patriarcal e social. Freud admite que não é somente o ideal que sofre transmissão, mas culpas, sintomas e significantes. Existe um caso clínico freudiano, ouvido por seu paciente sobre a fase da infância na qual ele é tido como uma criança tranquila. Contudo, um dia depois de férias de seus pais, o encontram transformado. Tornara-se inquieto, irritável e violento, sendo hostil à sua governanta. O caso pode dizer respeito à história familiar, pois é entre falas, olhares e silêncios que nos tornamos sujeitos. Com efeito, o que foi transmitido consciente ou inconscientemente pelas gerações precedentes constitui o eu através de processos de identificação.

A explicação do contágio mental e sua transmissão sofreu uma evolução histórica sucessiva em certo momento, a doença não era entendida como algo que se localizaria em alguma parte, ela era uma totalidade. Não viria do exterior e sim faria parte da natureza do homem, da sua constituição,

ou seja, não era uma entidade que existiria por si só, mas um processo que ocorreria dentro do indivíduo.

Em “Totem e Tabu” (1976/1913), Freud postula que “nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede nada de seus processos mentais mais importantes, pois a Psicanálise mostrou que todos possuem na atividade mental inconsciente um “aparelho” que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos.

Nesta vertente de discussão, Freud estabeleceu uma distinção entre aquilo que é transmitido por identificação aos modelos parentais e que se refere à história pessoal do sujeito, e aquilo que se constitui a partir de traços de memória herdados de gerações anteriores, uma herança de sua pré-história.

De acordo com Kaës (As alianças inconscientes. Ideias & Letras. 2001), Freud se apoiou nesses modelos de pensamentos que circulavam à época, ainda que em oposição, para desenvolver as bases do conceito de transmissão psíquica. Neste sentido, Kaës localiza o início da noção de transmissão psíquica em diversos apontamentos de Freud.

Referenciando o dizeres do texto “O Eu e o Id”, onde Freud teoriza sobre o superego, explica-se a manifestação das identificações parentais como fundamentais na evolução do indivíduo. A instalação do superego pode ser classificada como um exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental. Por sua vez, tal identificação revela uma herança antiga transmitida por gerações anteriores ao sujeito. As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança, mas, quando se repetem com bastante frequência, com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do Id, cujas impressões são preservadas por herança.

Reforço o tema com as palavras de Freud: “Dessa maneira, no Id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do Id, pode talvez, estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as” (Freud, 1923, p. 53).

Retornando ao mito elaborado em “Totem e Tabu”, Freud fala da necessidade do assassinato do pai para o advento da cultura. Na constituição do Eu é necessário o assassinato das figuras onipotentes para a emergência do sujeito e sua inscrição no campo simbólico. Assim, em parte, a ontogênese repete a filogênese.

O conhecimento é encarado como um processo de modificações e adaptações ao meio que desde o nascimento ocorre em todos os seres vivos. Segundo diversos autores, a ontogênese repete a

filogênese, isto é, o desenvolvimento da humanidade é como que repetido no desenvolvimento de cada ser.

Segundo vários estudos psicanalíticos modernos existem inúmeros textos onde Freud explica o conceito da transmissão psíquica geracional centralizando tal transmissão no grupo familiar passando a figurar o sujeito como herdeiro forçado, agente pensador e criador da herança. Trago força à ideia de que a função do grupo é transmitir a herança psíquica adquirida tanto nos membros como no grupo, o sujeito na verdade é um elo.

As famílias são formadas ao longo de um tempo através de conteúdos transmitidos pelas gerações. A bagagem transmitida não é a genética, mas sim entre várias, as bagagens afetiva, social e cultural. Os padrões familiares construídos pela geração anterior são oferecidos à posterior. Imaginemos um autor literário e sua família, desta maneira poderemos compreender de que maneira suas palavras deitadas no texto carregam a memória deste autor como herdeiro de múltiplas experiências remotas que irão aprisioná-lo a uma história idealizada. Este autor, portanto, enquadra-se neste processo como um elo.

O grupo familiar transmite a herança psíquica adquirida tanto dos membros, como do conjunto, perpetuando, conservando a sua identidade, e dando vida para além dos mortos (Granjon, 2000). Com esta análise já feita anteriormente sobre a biografia de Dostoiévski, sua vida é marcada pelo trágico: mãe morre de tuberculose, pai é assassinado pelos servos da sua propriedade; ele aos 26 anos envolve-se com grupo socialista, culminando em sua condenação à morte. Tão somente trazendo estes dados biográficos de Dostoiévski somos remetidos à inscrição do sujeito em uma cadeia geracional da qual ele é um elo. A transmissão psíquica geracional remete à condição de sujeito enquanto herdeiro forçado, beneficiário, mas também pensador e, até mesmo criador daquilo que lhe foi transmitido. Cada um ou cada grupo, tem como tarefa construir, organizar e transformar certas heranças não elaboradas, mantidas em estado bruto e que se infiltram no presente. Assim, a função do grupo familiar é transmitir a herança psíquica adquirida e fundadora tanto dos membros, como do conjunto, perpetuando, conservando a sua identidade, e dando vida para além dos mortos (Granjon, 2000).

Prevalece a polissemia em toda esta reflexão entendendo a arte e sua influência no pensamento freudiano. Dois pontos são destaques: o inconsciente descoberto e as obras literárias, incluindo-se “Os Irmãos Karamazov” e “Totem e Tabu”, através de seus personagens que ocupam um horizonte explicativo da filogenética associada a transmissão psíquica. O autor literário através de suas palavras carrega uma carga dos seus acontecimentos do passado refletindo na construção de seus personagens.

Existe uma nítida influência de Dostoiévski na obra de Sigmund Freud a tal ponto que este considera este escritor russo o maior escritor de todos os tempos. A obra prima “Os irmãos Karamázov” fornece a Freud através de seus personagens um brilhantismo psicanalítico. São personagens de perfis violentos, homicidas e egoístas, o que leva Freud a crer que Dostoiévski deveria ter tendências semelhantes.

1º Semestre 2022

Ciclo V

Aluno: Daniel Wilde de Mello

Título: DESEJO, ALIENAÇÃO E ADOECIMENTO

“Onde queres revólver, sou coqueiro [...] Ah! Bruta flor do querer”

Caetano Veloso

Primeiramente, gostaria de deixar registrado que o presente trabalho nasce da minha própria experiência em meu processo de análise pessoal. Que, por sua vez, apresenta efeitos bastante significativos e relevantes na minha vida até então. Em outras palavras, foi e é através das reflexões provocadas pela minha análise que, tornou-se possível sentir os conceitos psicanalíticos “na pele” e para além do racional proporcionado pelos estudos teóricos. E, em decorrência deste sentir “na pele” é que, vem ficando cada vez mais compreensível e interessante o sentir “nas peles”, ou seja, nos outros. Em uma espécie de movimento que tem como ponto de partida o particular em direção ao universal da natureza humana. Com isso posto, passemos ao tema em proposição, começando por uma breve definição do que é o desejo do ponto de vista de parte da teoria psicanalítica.

Dentre poucos outros, o desejo é um conceito que, por ser tão fundamental em sua relação com aquilo que significa a concepção do humano, torna-se difícil de ser bem delimitado. Podemos afirmar que o desejo surge e se consolida por conta de uma falta inerente e constituinte da condição humana. Falta essa que jamais encontrará solução e que não diz respeito ao instinto como ocorre em outros animais – como veremos logo adiante. Ou seja, o desejo é sempre um movimento de cobiça de algum objeto ou de algo, mas que não diz respeito a esse objeto ou algo em si e, sim, a uma tentativa de reencontrar a sensação de prazer outrora atingida e perdida. Portanto, é importante diferenciar o querer consciente – que opera em uma lógica psíquica, digamos, mais superficial - do desejo inconsciente – que diz respeito a elementos psíquicos profundos e intimamente ligados a traços mnêmicos recalcados.

Além disso, podemos afirmar que o desejo não encontra satisfação plena em nada, uma vez que opera na lógica da pulsão e não da necessidade ou do instinto. O que quer dizer que sua

demanda não surge do âmbito orgânico, mas do psicossomático (a saber, relação entre corpo e mente). O que significa dizer também que, o objetivo do desejo não é a satisfação da fome, da sede ou das necessidades fisiológicas, mas uma tentativa de alcançar uma satisfação já anteriormente sentida e para sempre perdida, ou seja, traços mnêmicos e de prazer inconscientes que nos acompanham desde os primeiros anos de vida e que vão se tornando cada vez mais complexos conforme o desenvolvimento geral e a maturação humana vão acontecendo.

Quem faz a função primordial da passagem gradual da posição de necessidade ou instinto para a posição de pulsão é a mãe, ou melhor, a figura materna. Uma vez que introduz o bebê à relação de sujeito desejado e desejante e à linguagem (não apenas com a fala, mas no sentido mais amplo possível do termo, ou seja, no campo simbólico, o que inclui também: gestos, expressões, tato, idealizações, interdições, etc.). Daí nasce em nós os tipos de desejos mais fundamentais e importantes: o desejo do outro e o desejo do desejo do outro, o que na teoria lacaniana se apelidou de grande outro ou apenas “Outro”.

A partir disso, podemos deduzir que o desejo está inteiramente associado e em constante e dinâmica relação com outros mecanismos intrapsíquicos constituintes da condição humana, tais como: narcisismo, escolha de objeto, superego, ego ideal e ideal de ego, dentre tantos outros que, dinamicamente, relacionam-se na realidade intrapsíquica do sujeito. E que o objeto ao qual o desejo mira não está à sua frente (como tendemos a pensar no senso comum), mas às suas costas. Em outras palavras, o que causa o desejo é uma sensação interna – endógena - para sempre perdida e não os estímulos externos – exógenos - em si (esta ideia foi proposta por Lacan em seu conceito denominado “objeto a” ou objeto causa do desejo). E é por isso que nunca ficamos satisfeitos ao conquistar um objeto contingencial em nossas vidas, pois o objeto em si é o menos importante e o que resta é a sensação que, por sua vez, é irremediavelmente insaciável, uma vez que tem natureza efêmera.

Mas, como se adoece do desejo? Quais são algumas das possíveis causas e conseqüências desse fenômeno? De modo geral, podemos constatar que, em 2021 e em uma cidade como São Paulo, o desejo é demasiadamente incentivado a estar nos objetos à venda no mercado: um novo celular com um novo recurso; um carro do ano com um novo visual; um tênis da nova coleção; etc. Fazendo parecer, através da publicidade e da propaganda enraizadas na realidade compartilhada pelos cidadãos, que com a aquisição desses novos bens materiais a demanda por felicidade e status social será, enfim, realizada. O que é uma espécie de armadilha do desejo, uma vez que a pessoa logo passa a ter como objeto de interesse outra coisa que ainda não possui e assim por diante, por razões anteriormente elucidadas neste texto. Dessa forma, a grande maioria das pessoas passa a

funcionar demasiadamente na lógica do querer – tão importante para o consumismo e para o capitalismo – e se tornam cada vez mais alienadas do próprio desejo ou daquilo que genuinamente poderia causar um engajamento mais sensível, inteligente e duradouro em suas vidas. E passam a terceirizar as suas responsabilidades diante das angústias provenientes do desejo para fatores que não estão associados à sua origem – no meu entendimento, esse é, em conjunto do enfraquecimento da adesão aos movimentos religiosos e do crescente engajamento ao pensamento científico, um dos motivos mais relevantes pelo qual a indústria psicofarmacêutica vem ganhando tantos adeptos nas últimas décadas.

Além disso, na contemporaneidade, parece que tudo ou quase tudo age no sentido de nos alienar do próprio desejo: a velocidade acelerada dos acontecimentos; o marketing existencial, cada vez mais intenso, imposto pela mídia e pelas redes sociais; a falta de pertencimento ocasionada por uma cidade hostil em inúmeros sentidos; o cinismo e a crise das instituições; manuais e profissionais, como alguns livros de auto-ajuda e alguns coaches, que se propõem a “ensinar” como se deve viver a vida de modo a alcançar o “sucesso”; etc. Portanto, em condições de falta de esforço no sentido de reflexões singulares e críticas a respeito da vida e de seus acontecimentos, é inevitável que entremos na lógica alienante desta roda viva. E, isso resulta em consequências bastante significativas no que diz respeito aos sintomas e aos modos de sofrimento e adoecimento psicológicos. Não é a toa que o número de pessoas com transtornos mentais cresce, intensifica-se e se manifesta cada vez mais cedo entre crianças e jovens de maneira evidente. Entretanto, é claro que não podemos ser reducionistas e afirmar que a alienação do desejo é a única razão para esse fenômeno e esquecermo-nos de outros motivadores, como, por exemplo: o abismo crescente das desigualdades sociais no sistema capitalista contemporâneo ou o isolamento social necessário devido à pandemia do novo coronavírus, dentre outros.

1º Semestre 2022

Ciclo VI

Aluno: João Paulo Nascimento Janeiro

Título: OS LOBOS DO HOMEM

*“Compreendeu que um destino não é melhor que outro,
mas que todo homem deve acatar o que traz dentro de si.
Compreendeu que as divisas e o uniforme o estorvavam.
Compreendeu seu íntimo destino de lobo, não de cão gregário;
compreendeu que o outro era ele.”
(Jorge Luis Borges - Biografia de Tadeo Isidoro Cruz)*

Os Lobos Do Homem

Todos aparentam iguais
Divididos no mesmo
Um só Lobo
Branco quieto
Suspenso na noite
Tal qual uma Lua
Rutilante alvura
Sedução hipnótica
Alargando as pupilas
Irradiando a treva
Abrindo a janela
Da alma

.
. .
.

Que olhos fixos eles têm...
É pra mostrar melhor!
Que caudas grandes eles têm...
É pra representar melhor!
Que pêlos brancos eles têm...
É pra disfarçar melhor!

Seriam cinco, seis ou sete?
Necessária divisão
Uma vez que irrepresentável
Posto que insuportável
A concepção
Do Lobo único
Do Mistério maior
Esfíngico
Decifra-me
E te devoro!
Como um quadro em negativo
Apresenta-se único emblema
Intrínseco, não fosse o hipnotismo
Mediando a outra cena
Ambivalente-Ambíguo
Contumaz como um poema

O Fenômeno esconde mostrando
Tal qual seus incisivos
Dentro dos lábios caninos
Mordendo e rasgando
O corpo do Pai
Ensanguentados loucos
Rosnando uns aos outros
Uma legião de homens-lobos
Uma matilha de um lobo só

Segredado a sete chaves
Trouxeste a chave?
Sabes que não
Os mensageiros-mensagem
Os guardiões do ancião
Estáticos inalteráveis
Fixos em seu posto
Entrincheirados
Docilidade canina
Apática licantropia
Lupus homini homo

Sobre a árvore genealógica
Pairam teus ancestrais
E para ti são todos iguais
Pois perdeste a chave semiológica
E rompestes com a filogênese
Não te bastava ser lobo
Precisava tornar-te gente

Acorda um menino indefeso
Bate forte um coração de trevas
Na frieza do orvalho da relva
Corre livre o Lobo ileso
Das lanças-palavras
Dos homens sem barbas

Do homem perdido
Errante no mundo
Melancólico rei
Legando ao menino
Desamparo profundo

Pobre Sergei...

Rasgado ao meio

Apartado do Inquietante

Gêmeo do espelho

Tal como nós, errará também

Sem desatar, eterno refém

Da miséria neurótica

Das querelas simbólicas

Do mundo da Lei

Nunca mais a irmã, lobo mau

Jamais a ternura, loba mãe

Condenado a ser dócil, lobo cão

Amigo melhor do Homem castrado

Submisso e civilizado

Pra sempre desencontrado

Desgostoso e incontente

Rangendo entredentes

Teu destilado mau humor

Teu riso mais amargo

Obrigatório ser sublimado

Em graçada ironia

Barata alegria, falso amor

Colérico sarcasmo

Por isso a loucura do Cínico

A caçar no mundo um confidente

Entrevendo com o lampião

Aquela noite crua

Eclipsada do sol ardente

Posto que ainda presente
O Lobo maior
Indiferente
À contemplar seu antípoda da mente
Nos olhos desvairados do ente
À contorcer-se cênico
Em febril desespero
Desnortado estrangeiro
Num esforço derradeiro
Em traduzir o pulso
Do instinto primevo
Auscultar o uivo
Explodindo no peito

Referências:

FREUD, S. (1918 [1914]). *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*. In: Obras Completas, Vol.14 (Tradução Paulo César de Souza). 1ª Edição. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.